

Nomes vernáculos locais de aves em Pernambuco, Brasil



Gilmar Beserra de Farias^{1,2}

O nome vernáculo de um animal representa uma denominação não formal, não científica lineana, fundamentada na cultura local ou regional (Antweiler 1998). No caso das aves, em cada região, uma mesma espécie de ave pode ter muitos nomes vernáculos locais (Farias *et al.* 2000; Brito e Pereira 2006) ou um mesmo nome pode representar mais de uma espécie lineana (Farias e Alves 2007a), assim como algumas aves mais discretas e pouco observadas não possuem nomes locais. A diversidade vernácula dos nomes das aves do Brasil é um valioso patrimônio cultural (Straube 2000) e muito importante para compreender os processos cognitivos dentro de determinados contextos. Muitos desses nomes, às vezes inéditos para os ornitólogos, são percebidos durante saídas de campo para observação de aves, por meio de conversas com antigos moradores de uma região ou com caçadores.

Estudar os nomes vernáculos locais das aves é importante no sentido de permitir a possibilidade de descobrir uma nova espécie de ave, descrever comportamentos desconhecidos pela ciência formal, registrar novas ocorrências, elaborar inventários, localizar espécies ameaçadas de extinção, corrigir possíveis erros de registros bibliográficos e compreender melhor as relações entre humanos e aves (Farias e Alves 2007b). De forma geral, o resgate do conhecimento humano sobre os nomes vernáculos das aves em uma região pode indicar elementos de percepção e visão de mundo, além da sua relação com a natureza. Geralmente, estes nomes vernáculos locais de aves estão repletos de significados etnográficos. Portanto, nomes vernáculos devem ser registrados e estudados regionalmente antes que sejam suplantados pelos nomes utilizados na mídia e na academia, sendo importante perpetuá-los entre a população (Straube 2007).

Essa possibilidade de perpetuar os nomes locais das aves entre as gerações se dá através dos memes. Os memes são unidades de transmissão cultural, como melodias, idéias, expressões, estilos de roupa, maneiras de fazer potes ou construir arcos (Dawkins 2007) e, também, as histórias e nomes vernáculos das aves. Memes são idéias, informações, que se reproduzem de mente para mente, de ser humano para ser humano, por meio de imitação e aprendizagem (Blackmore 1999). A teoria dos memes defende que as estruturas lingüísticas e ideológicas criadas pelos humanos possuem certa autonomia e evoluem segundo modos análogos às espécies de seres vivos na natureza (Waizbort 2003). Assim, alguns nomes locais de aves podem sobreviver por meio dos memes e outros podem ser extintos, pois necessitam de uma rede social local ou regional para promover a sua propagação.

Dessa forma, o objetivo desse artigo foi o de apresentar de forma contextual alguns nomes vernáculos locais para espécies de aves no Estado de Pernambuco. Para isso, foram utilizadas informações sobre nomes locais das aves coletadas por meio de entrevistas durante as excursões de campo da Associação



Figura 1. *Stigmatura napensis* – “trinta-e-cinco”. (Foto: Ciro Albano)

Observadores de Aves de Pernambuco (OAP), em diferentes regiões do Estado.

A linguagem como um dos meios de estruturação da sociedade é responsável pela organização das relações comunicativas e das representações da realidade (Oliveira 2008). Os nomes vernáculos e os sons produzidos pelas aves se encaixam perfeitamente nesse contexto. Os sons podem ser copiados pelas pessoas com mais imediatismo do que gestos ou outras ações físicas (Blackmore 1999), de forma que boa parte dos nomes locais das aves está baseada em suas vocalizações, por meio de onomatopéia ou de ações humanas atribuídas às aves. Em populações camponesas brasileiras, é possível encontrar indivíduos com elevada inteligência musical relacionada à capacidade da escuta das vocalizações das aves (Marques 1998), principalmente quando essas pessoas são caçadores. Por exemplo, em Petrolândia, Sertão do São Francisco, informações coletadas com

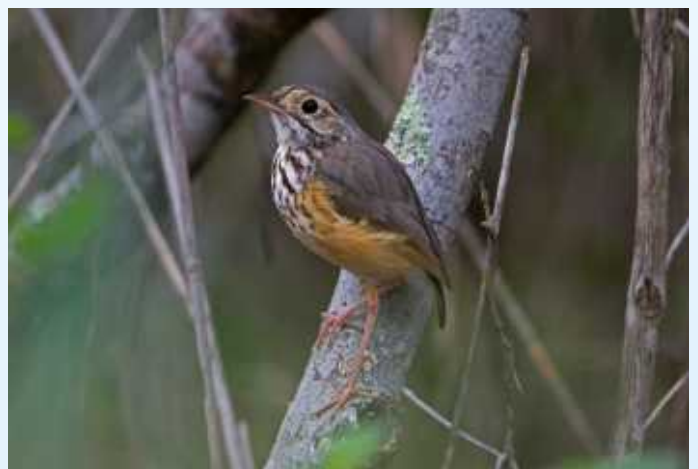


Figura 2. *Hylopezus ochroleucus* – “torce-bunda”. (Foto: Ciro Albano)



Figura 3. *Formicivora melanogaster* – “tangiram”. (Foto: Ciro Albano)



Figura 4. *Tangara fastuosa* – “pintor”. (Foto: Ciro Albano)

ex-caçadores dessa região, revelaram que a espécie *Gyalophylax hellmayri* é chamada de **patrô**, em função de sua voz onomatopaica, servindo como identificação da espécie pelos moradores locais, semelhante aos trabalhos dos observadores de aves acadêmicos quando identificam a ave por meio das manifestações sonoras. Quando não são nomeadas de forma onomatopaica, as vozes também podem indicar uma ação que identifica a espécie. O **verdão** (*Saltator similis*), no Parque Nacional do Catimbau, município de Buíque, quando canta parece dizer “vem buscar teu filho João”, segundo informações obtidas com um índio, ex-caçador e agora guia de turismo local (Tabela 1). Na mesma região, o **trinta-e-cinco** (*Stigmatura napensis*) (Figura 1) vocaliza repetidas vezes, parecendo dizer, “trinta e cinco, trinta e cinco, trinta e cinco, a ave que sabe contar”, segundo o informante.

A vocalização pode adquirir conotação cultural, permitindo aos humanos uma leitura real ou imaginária dos eventos sociais (Marques 1998). No distrito de Três Ladeiras, em Igarassu, uma ave considerada agourenta, o **buraco-feito** (*Tapera naevia*), é um bom exemplo para se entender a relação entre interpretação da voz e eventos sociais humanos cotidianos. “Desde a semana passada que ela está aqui, buraco feito, buraco feito... é gente que está perto de morrer. Essa semana ainda morreu um (homem) aí na caixa d’água, foi botar a bomba e levou um choque e morreu” (Farias e Alves 2007a). Essas interpretações são transferências de atitudes categoricamente humanas que auxiliam na longevidade desses memes. Em Sirinhaém, no litoral sul, um informante que mora em uma área com muitos fragmentos florestais conseguiu diferenciar por meio da vocalização dois tipos de **lambus**, chegando a imitá-los com bastante habilidade: **lambu-açú** (*Crypturellus strigulosus*), “esse canta parecido com uma cigarra”; e o outro, o **tururi** (*Crypturellus soui*), “esse faz tururi, várias vezes”.

Embora a vocalização se apresente como uma estratégia memética eficiente, características físicas ou comportamentais também auxiliam na transmissão desses fragmentos culturais sobre as aves de determinadas regiões. No Parque Nacional do Catimbau, *Hylopezus ochroleucus* é conhecido como **torce-bunda** (Figura 2). Segundo moradores da região, “quando ele canta fica fazendo uma dancinha, mexendo a bunda”. Estabelecendo uma cognição comparada (*sensu* Marques 2001), Sick (1997) diz que “*Hylopezus ochroleucus* executa estranhos movimentos de corpo, em vaivens, quando se sente amedrontado”. Outro meme que sobrevive localmente é o que identifica a *Hirundinea ferruginea*, conhecida por **joga-bala** (Farias 2009), pois no momento em que se tenta acertá-la com uma pedra (bala) utilizando uma “baleadeira” (estilingue), ela alça vôo e a “ba-

la” ricocheteia nos paredões rochosos, ambiente característico dessa espécie na região. Já *Formicivora melanogaster* é chamada de **tangiram** (Figura 3), pois é acusada de “tanger” (espan-tar) as outras espécies, possivelmente por seu hábito de se deslocar saltando de galho em galho e vocalizando constantemente, além de ser uma espécie comum em bandos mistos nas matas em Pernambuco.

De forma geral, em uma relação direta, as áreas em Pernambuco com pouca cobertura vegetal também apresentaram poucos nomes vernáculos locais para as aves. É muito comum ouvir a expressão de moradores de determinada região dizer “antigamente tinha”, referindo-se as espécies de aves que antes habitavam grandes áreas de mata e que hoje não tem mais por conta do desmatamento. Na Usina São José, em Igarassu, em 2006, os habitantes mais velhos fizeram menção à existência do **ferreiro** (*Procnias averano*) como uma espécie que tinha quando existiam matas maiores, contínuas, há aproximadamente 60 anos. Em áreas com pouca floresta, onde o contato dos humanos com as espécies nativas é restrita, ou muitas espécies já foram extintas localmente pela modificação de seu hábitat, os memes tendem também a se extinguir, parecendo não ser mais um elemento cultural importante para sobrevivência daquelas pessoas.

Conhecer os hábitos, as vocalizações e os nomes das espécies de aves que servem para caça ou criação, parece não ser mais um meme de destaque em algumas regiões. Quando são considerados importantes, são imitados e aprendidos, de forma mais ou menos precisa por outros humanos. No município de Vitória de Santo Antão, em uma área rural denominada Oiteiro, local com paisagem quase que completamente desprovida de florestas, foram realizadas entrevistas com moradores mais velhos, e estes revelaram poucas histórias relacionadas a vocalizações ou hábitos das espécies. Na maioria das vezes, identificaram as espécies por meio de nomes vernáculos genéricos, como **beija-flor**, **pombo**, **gavião**, **sabiá** e **pica-pau**, por exemplo. Nomes vernáculos específicos foram relatados principalmente para diferenciar tamanhos, como **pica-pau-do-grande** (*Dryocopus lineatus*), que já existiu no local, e **pica-pau-do-pequeno** (*Picumnus sp.*), ou cores, como **lambu-pé-vermelho** (*Crypturellus parvirostris*) e **lambu-pé-roxo** (*Crypturellus tataupa*). Em uma série de entrevistas realizadas com moradores na periferia da Mata da Ronda, fragmento de aproximadamente 500 hectares, localizado na zona rural do município de Pombos, foi detectado um conhecimento etnoornitológico mais direcionado para aquelas espécies que servem para alimentação, como os **lambus** (*Crypturellus sp.*), ou para criação em gaiolas, como **pintor-verdadeiro** (*Tangara fastuosa*) (Figura 4) e **saíra-de-lenço** (*T. cyanocephala*), não havendo

citação daquelas espécies que vivem no interior da floresta, como *Pyriglena leuconota*, *Thamnophilus aethiops*, *Myrmeciza ruficauda*, *Cranioleuca semicincta*, *Pipra rubrocapilla* ou *Chiroxiphia pareola*, espécies que chamam atenção principalmente pela vocalização. Geralmente, espécies do interior da floresta surgem nos discursos dos entrevistados quando a caça faz parte das suas histórias de vida, sendo estes considerados excelentes observadores.

Na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Maurício Dantas, em Betânia, *Phalacrocorax brasilianus* é conhecido por **urubu-d'água**, revelando a habilidade dos camponeses também na observação das cores (associando ao nome de uma espécie muito conhecida, o **urubu-preto** *Coragyps atratus*) e dos hábitos das aves, que nesse caso freqüenta os ambientes aquáticos. Mas, às vezes, essas características determinantes que muitas vezes são iguais aquelas apresentadas pela ciência acadêmica, também apresentam um limite para algumas Famílias de espécies de aves muito parecidas, como a dos tiranídeos (**bentivis** e **suiriris**). Nessa mesma região, uma ave conhecida por **besta**, representa diversas espécies do gênero *Myiarchus*. Algo parecido ocorre na Mata da Fazenda Cachoeira Linda, em Barreiros, para as aves denominadas **cucurutados**, que são as diversas espécies do gênero *Elaenia*. Em Sirinhaém, Zona da Mata Sul, um informante local denominou de **papa-barata** todos os tipos de dendrocolaptídeos (**arapaçus**): “*elas ficam nos troncos comendo todo tipo de barata*”. Assim, fica claro que para estes grupos sociais, diferenciar espécies de tiranídeos ou dendrocolaptídeos semelhantes não tem muita importância cultural.

A maior ou menor percepção de determinadas aves em algumas culturas também pode estar relacionada às crenças, possibilitando nomes específicos diferentes para espécies de aves mais comuns. Uma espécie muito conhecida em Pernambuco pela vocalização onomatopaica, o **suiriri** (*Tyrannus melancholicus*), é nomeada no distrito de Porto de Galinhas, município de Ipojuca, como **catimbozeiro**. De acordo com informantes locais, esse nome é atribuído à ave devido ao uso freqüente de suas penas em catimbós, que são rituais religiosos afro-brasileiros (Farias e Alves 2007b). A história de vida e as crenças em entidades sobrenaturais também podem ser fatores importantes para a sobrevivência de alguns memes em determinados locais. Na Fazenda Cachoeira Linda, município de Barreiros, os moradores da região atribuem ao chamado de *Gallinago paraguayae* a uma entidade sobrenatural, uma mulher vestida de branco que aparece nas noites de lua cheia, gritando **saia-dela**. No distrito de Três Ladeiras, Igarassu, as crenças no sobrenatural surgiram por meio de memes muito conhecidos em todo o Brasil, como o da **lavadeira** (*Fluvicola nengeta*), que teria lavado as roupas de Nossa Senhora, ou o da vocalização da **rasga-mortalha** (*Tyto alba*), coruja conhecida por prenunciar a morte, por exemplo. Esta mesma coruja, em Macujê, distrito de Aliança, é nomeada de **coruja-tesoureira**, também anunciadora da morte, segundo moradores mais velhos: “*só que ela fica pinicando e depois raaasga*”, fazendo referência a sua música instrumental e vocalização. Na zona rural de Gravatá, essa coruja é chamada de **graxadeira**, “*por que passam o dia todo graxando*”, ou seja, vocalizando. Essas pequenas modificações dos nomes ou das ações exercidas pelas aves podem ser chamadas de “mutações culturais” (Dawkins 2007). Nesse caso, as idéias inseridas nos memes são reformuladas com propósitos particulares, enfatizando aspectos mais importantes e misturando-se as idéias de outras pessoas. De uma forma geral, parece que as comunidades rurais em acelerado processo de urbanização apresentam um processo cognitivo e de aprendizagem relacionados às aves cada vez menos influente no comporta-

mento humano local, principalmente no que refere a comportamentos em relação às crenças envolvendo histórias de aves como entidades sobrenaturais, seguindo para um processo de extinção local desses memes.

Independentemente de a ave ser batizada por nomes que tem a ver com a sua vocalização, cor ou hábito, parece que a extinção das unidades culturais denominadas memes também tem a ver com a destruição dos habitats e do uso das espécies para caça e alimentação ou captura e criação. Por exemplo, os caçadores costumam imitar aves para atraí-las. Vamos imaginar que o sucesso de um meme dependa crucialmente da quantidade de tempo que caçadores ou coletores dedicam a transmiti-lo ativamente para outra pessoa mais jovem, sendo, nesse caso, a imitação o processo pelo qual os memes podem se replicar (Dawkins 2007). Em Pernambuco, já não é comum observar o hábito dos mais jovens acompanharem os mais velhos pelas florestas para aprenderem nomes das aves, características, histórias e hábitos das aves, além de outros conhecimentos. Em alguns lugares, a floresta já não é mais importante para a sobrevivência direta das pessoas, sejam elas caçadores ou simplesmente coletores de frutos e sementes, se fragmentando e desaparecendo junto com as aves e com os memes a elas relacionados.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo Ciro Albano por conceder as fotos para ilustrar o artigo. Aos amigos Manuel Toscano de Brito, Maurício Periquito e Glauco Pereira pela ajuda na coleta de nomes e histórias locais de aves durante as saídas de campo da OAP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antweiler, C. (1998) Local knowledge and local knowing: an anthropological analysis of contested 'cultural products' in the context of development. *Anthropos*, 93:469-494.
- Blackmore, S. (1999) *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Brito, M. T.; Pereira, G. A. (2006) Relação das cinco espécies de aves com mais nomes populares. *Atualidades Ornitológicas*, 129: 14-15.
- Dawkins, R. (2007) *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Farias, G. B. (2009) Aves do Parque Nacional do Catimbau, Buíque, Pernambuco, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 147: 4-7.
- Farias, G. B.; Alves, A. G. C. (2007a) Nomenclatura e classificação etnoornitológica em fragmentos de Mata Atlântica na Região Metropolitana do Recife, Igarassu, Pernambuco. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15: 358-366.
- Farias, G. B.; Alves, A. G. C. (2007b) É importante pesquisar o nome local das aves? *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15 (3): 403-408.
- Farias, G. B.; Brito, M. T.; Pacheco, G. L. (2000) *Aves de Pernambuco e seus nomes populares*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Marques, J. G. W. (1998) “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalizações de aves entre camponeses alagoanos. *Revista de Etologia* (nº especial): 71-85.
- Marques, J. G. W. (2001): *Pescando pescadores*, 2ª Ed. São Paulo: NUPAUBUSP.
- Oliveira, M. O. E. (2008) A terminologia indígena na fala do Amazônida. *Informação & Informação*, 13 (1): 32-47.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Straube, F. C. (2000) Questões linguísticas em ornitologia, IV: a carta de Ferreira Penna e os nomes populares dos Ciconnidae brasileiros. *Atualidades Ornitológicas*, 98: 10-11.
- Straube, F. C. (2007) Nomes populares de aves brasileiras coletados por Johann Natterer (1817-1835). *Atualidades ornitológicas*, 136.
- Waizbort, R. (2003) Dos genes aos memes: a emergência do replicador cultural. *Episteme*, 16: 23-44.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Núcleo de Biologia Rua Alto do Reservatório, s/n, CEP 55.608-680, Vitória de Santo Antão – PE.

² Observadores de Aves de Pernambuco – OAP, Paulista – PE. gilmarfarias@br.inter.net

Tabela 1. Lista de alguns nomes vernáculos locais para espécies de aves encontradas em diferentes regiões do Estado de Pernambuco (Brasil).

NOME VERNÁCULO LOCAL	<i>Nome Científico</i>	Localidade
BESTA	<i>Myiarchus</i> spp.	RPPN Maurício Dantas (Betânia)
BURACO-FEITO	<i>Tapera naevia</i>	Três Ladeiras (Igarassu)
CATIMBOZEIRO	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Porto de Galinhas (Ipojuca)
CORUJA-TESOUREIRA	<i>Tyto alba</i>	Macujê (Aliança)
CUCURUTADO	<i>Elaenia</i> spp.	Cachoeira Linda (Barreiros)
FERREIRO	<i>Procnias averano</i>	Três Ladeiras (Igarassu)
GRAXADEIRA	<i>Tyto alba</i>	Zona rural (Gravatá)
JOGA-BALA	<i>Hirundinea ferruginea</i>	PARNA Catimbau (Buíque)
LAMBU-AÇÚ	<i>Crypturellus strigulosus</i>	Zona rural (Sirinhaém)
LAMBU-PÉ-ROXO	<i>Crypturellus tataupa</i>	Oiteiro (Vitória de Santo Antão)
LAMBU-PÉ-VERMELHO	<i>Crypturellus parvirostris</i>	Oiteiro (Vitória de Santo Antão)
LAVADEIRA	<i>Fluvicola nengeta</i>	Três Ladeiras (Igarassu)
PAPA-BARATA	Dendrocolaptidae	Zona rural (Sirinhaém)
PICA-PAU-DO-GRANDE	<i>Dryocopus lineatus</i>	Oiteiro (Vitória de Santo Antão)
PICA-PAU-DO-PEQUENO	<i>Picumnus</i> sp.	Oiteiro (Vitória de Santo Antão)
PINTOR-VERDADEIRO	<i>Tangara fastuosa</i>	Mata da Ronda (Pombos)
RASGA-MORTALHA	<i>Tyto alba</i>	Três Ladeiras (Igarassu)
SAIA-DELA	<i>Gallinago paraguaiiae</i>	Cachoeira Linda (Barreiros)
SAÍRA-DE-LENÇO	<i>Tangara cyanocephala</i>	Mata da Ronda (Pombos)
TANGIRAM	<i>Formicivora melanogaster</i>	PARNA Catimbau (Buíque)
TORCE-BUNDA	<i>Hylopezus ochroleucus</i>	PARNA Catimbau (Buíque)
TRINTA-E-CINCO	<i>Stigmatura napensis</i>	PARNA Catimbau (Buíque)
TURURI	<i>Crypturellus soui</i>	Zona rural (Sirinhaém)
URUBU-D'ÁGUA	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	RPPN Maurício Dantas (Betânia)
VERDÃO	<i>Saltator similis</i>	PARNA Catimbau (Buíque)